

# Reservas indígenas sintetizam dois mundos

Vidal Cavalcante/AE

**Guaranis vivem dentro da cidade, com hábitos dos ancestrais e modernidades de 'branco'**

ROSA BASTOS

Nos fins de noite, em vez de assistir ao seriado *A Muralha*, que mostra seus antepassados sendo caçados e escravizados pelos bandeirantes, a índia guarani Maria dos Santos, de 33 anos, grava o capítulo. No outro dia, ela o vê sossegada, com o filho pendurado no peito, o prato da comida na mão. "Acordo tarde: tomo café ao meio-dia e almoço depois das 5." Além do vídeo, a casa de Maria, na aldeia do Jaraguá, tem aparelho de som, pilhas de CDs, máquina de lavar e outras modernidades. Mas que ninguém se engane: ela é uma índia de verdade.

Um dia, chegaram uns alunos de 8.ª série de um colégio particular de São Paulo à aldeia Morro da Saudade, em Parelheiros, extremo da zona sul, onde vivem 110 famílias, quase 500 pessoas, em 26 hectares de terra. Gentil, como sempre, o cacique Manoel de Lima mostrou as ocas, a casa de reza, a escola e o centro cultural onde as crianças aprendem a falar guarani antes do português. Respondeu, pacientemente, a todas as perguntas.

— Mas você não é um índio de verdade! — reclamou um garoto, por causa das roupas "de branco" que ele vestia.

— E você, deixou de ser brasileiro porque está usando esse tênis americano? — retrucou o cacique.

O marido de Maria — o segundo — que ela "descolou" num dia de festa na aldeia, é metalúrgico. E branco. Gosta de macarronada, berinjela, pimenta e até jiló. "Brigamos porque eu quero comer do meu jeito." Ela gosta de peixe, milho verde, batata-doce — tudo assado a lenha. Têm cama, mas ela prefere dormir no chão. Só sai de casa com alegria verdadeira se for para embrenhar-se no mato. "Não gosto de cidade, felicidade mesmo é estar na selva."

Mas que selva? Ela diz que para os lados de Peruibe há uma floresta tão densa que se levam dias para atravessá-la. "No mato a gente está protegida, se sente leve, se sente bem, nem criança fica doente!"

Há poucos dias, Mariana, a filhinha menor, de 1 ano, teve pneumonia, infecção no ouvido e garganta. Conta que a curou em casa, com chás de ervas e raízes. "Fiz um banho morninho com folhas de macela, baixou a febre, parou de tossir; sarou."

**Mulheres** — Maria mora na reserva do Jaraguá, bem perto do centro urbano, e com uma população mista. Era só um punhado de casebres, mas, recentemente, virou aldeia, com a construção da casa de reza pela cacique Jandira Augusto Venício, de 65 anos, que herdou o posto do marido quando ele morreu. "A imagem que o branco tem do índio é de um personagem seminu, pintado para a guerra, com arco e flecha", diz Isaque Augusto Martim, de 36 anos, um dos oito filhos de Jandira. "Também pensam que cacique tem de ser homem, mas, na nossa tradição, mulher pode comandar a tribo."

Na tarde quente, Jandira joga dominó com um neto. Ali perto, alguns índios pescam carás e tilápias mirrados numa lagoa formada pela água que desce do morro, já poluída. "Quando chove vem uma enxurrada de despacho, velas, galinhas mortas..." conta Isaque.



Leandro (à dir.) e Sandra, dois dos oito filhos de Maria dos Santos, moram em casa de chão de terra batida, com tevê, videocassete, aparelho de som e pilhas de CDs

Vidal Cavalcante/AE

Vidal Cavalcante/AE



Luiza, de 10 anos, como a família, mantém a tradição de fumar cachimbo

Mágoas? Muitas. "Este lugar, com menos de 2 alqueires, perto demais da cidade, permite a visão de dois mundos, o nosso e o do branco."

Isaque não trocaria seu mundo pelo outro. "O branco afastou-se das coisas de Deus, está mais preocupado com bens materiais", diz. "Não temos casos de droga nem de seqüestro, não tem índio querendo matar nem roubar o irmão."

Sérgio Damy, professor de Antropologia da Universidade Brás Cubas, de Mogi das Cruzes, lembra que quando os europeus chegaram ao Brasil, nem sequer encararam os índios como gente. "Cronistas da época escreveram que eles não eram humanos e foram tratados assim até que a Igreja afirmou que eles tinham alma e, portanto, eram seres humanos."

Segundo Damy, até hoje os índios são tratados com ambigüidade, ora considerados inferiores ora superiores à própria civilização ocidental. "Essa visão permanece oscilando e, com isso, perde-se o senso da realidade." Diz o pesquisador que até o século 18 não havia a preocupação, por parte dos via-

jantes, do registro acurado de informações etnográficas. "Eles se preocupavam mais em registrar o que a terra oferecia do que as culturas indígenas contatadas." Somente no século 19 essas sociedades passaram a ser objeto não da história, mas da análise etnográfica.

Como não se pensava nessas populações como produtoras de história nem como seres humanos, praticamente inexistem dados demográficos sobre a época. "Não se sabe nem nunca se saberá quantos habitantes e quantas sociedades tribais havia no Brasil na época da descoberta."

Paulistana legítima, Marisa Pires de Lima, de 27 anos, casou-se com Marcílio da Silva, da mesma idade, guarani como ela, só que do Paraná. Conheceram-se numa das andanças dele, na aldeia de Parelheiros, onde ela vivia. Têm seis filhos e querem mais. "Precisa aumentar a população indígena para não acabar", brinca Marisa. O



Moradora do Morro da Saudade faz ligação do telefone público da aldeia: encontro de duas realidades

Vidal Cavalcante/AE



Janinhã e Marcos da Silva, com a filha, de Parelheiros: casais buscam aumentar a família para reconstituir população

bebê, de 10 meses, usa fralda descartável. "Estava nuzinho mas o tempo virou..." diz ela, justificando a fralda e o macacão que cobre o bebê até os pés.

**Futebol** — Nos dias "úteis", Marcílio trabalha na creche como monitor. Conta histórias em guarani aos pequenos e os ensina a fazer artesanato. Torcedor do São Paulo, ele é também o técnico de futebol da aldeia. Essa atividade é exercida com prazer aos sábados e domingos. Em lugar de destaque, na sala, guarda os troféus. "Eu jogava na frente, no ataque." Marcílio comanda a Sociedade Esportiva Guarani, que tem dois times. A próxima partida será contra o time de Brucuí. "Índio contra índio, não tem problema". Duro é jogar com branco. "A gente apanha que só!"

Palmeirense, Timóteo da Silva, de 29 anos, um dos líderes da aldeia, diz que os índios se esforçam para aprender a técnica

do futebol. "Mas os brancos deviam aprender com a gente como jogar sem violência, só ir na bola." Segundo ele, na hora do jogo, o juiz é o cacique. "É ele quem comanda: se apitou, está apitado." Antes do jogo, o cacique conversa com o time. "Digo que campo não é ringue."

Timóteo garante que quer continuar a viver como sempre viveu. "Dos brancos, temos de usar o que é bom: a tecnologia", diz. "Computador, telefone; apertar um botão e sair três cópias de um papel é legal, hein!"

Na casa de Marcílio, de chão de terra batida, há camas e armários feitos de tábuas, panelas de alumínio e um sofá. Aparelho de som e fogão a gás — entregue na porta. Se falta feijão e arroz, doados por entidades, não se apertam. "A gente come banana verde com galinha com o mesmo gosto." Lavam roupas e tomam banho de mangueira. Em breve, todas as ocas terão banheiros — exigência da Fundação Nacional da Saúde.

Uma cópia da Mona Lisa feita a casa de Jovelino Plácido de Lima, de 21 anos, e Valéria, de 18, com um filho, às vésperas do segundo. "No casamen-

to, o cacique disse que tem de ser para sempre." Em meio a roupas e objetos espalhados, um teclado de brinquedo, bichinhos de pelúcia. Luz elétrica e fogo a lenha. Jovelino sonha em cantar na TV, virar astro. Fica ali, compondo e sonhando. Quando precisa de dinheiro para alguma coisa, colhe uns palmitos e vende na feira.

Cheios de boa vontade, sempre que aparece algum interessado, fazem demonstrações de dança e de canto. Índios de várias aldeias gravaram o CD *Memória Viva Guarani*, com canções que falam da natureza e buscam divulgar sua cultura. Orgulhoso de ser quem é, Timóteo espera ver o índio respeitado como o primeiro habitante do Brasil. Também queria que nos livros didáticos fosse contada outra história. "Vinte e dois de abril de 1500 não é a data de descobrimento do Brasil, mas o dia em que os portugueses chegaram à terra dos indígenas."

Aos 14 anos Timóteo (Verá Popygua) casou-se com Florinda (Ará Mirim Poty), sua primeira namorada, coisa corriqueira entre os guaranis. O cacique avisou que os espíritos dos dois não combinavam. "Não sou violento; ela fala, fala, eu escuto e me encolho", conta. "O casal tem de se entender e isso não é possível se os dois falam ao mesmo tempo."

Além desses problemas, perderam cinco crianças. Três sobreviveram. Sueli (Taqua Mirim Poty), Luiza (Jaxuka Mirim) e Elivelto, que acabou ganhando um nome em guarani bem comprido: Carainhembo Guyrápá Djú Mirim Poty.

Segundo o pai, o cacula vivia doente porque o pajé não teria acertado o nome que ele "já tinha no céu". Então, o cacique foi acrescentando outros nomes até que, "da noite para o dia, o menino se fortaleceu, deu até para jogar bola". Quando a criança nasce recebe um nome para a carteira de identidade. Mas o que conta é o indígena.

Cacique do Morro da Saudade há três anos, Manoel Lima diz que os índios são instruídos a viver na aldeia e fora dela. "Aqui somos índios, mas lá fora temos de nos comportar como cidadãos." Segundo ele, o índio é "atrasado" porque não teve o privilégio de estudar. "Nunca vamos alcançar o nível de conhecimento do branco, mas queremos respeito."

Outro dia, ele viu na TV um jogador de basquete reclamar de torcedores violentos dizendo que eles se comportaram como índios. "Como índios? Se nos observassem jogando iam ter muito o que aprender."

**LÍDER  
ESPERA VER  
O ÍNDIO  
RESPEITADO**



# Ritual de batismo leva aldeia a momento mágico

*Dança, música, silêncio e concentração marcam cerimônia singular*

Descalços sobre o barro do chão, índios guaranis dançam em volta de uma guirlanda de velas acesas, na casa sagrada da aldeia do Jaraguá, em meio à fumaça da fogueira e de cachimbos. Toda a comunidade, umas 70 pessoas, está na casinha de taipa, coberta de sapé, para a cerimônia do batismo. Não há conversa. Só canções, que se encaixam, ligadas por um fio, como contas de colar.

Quinta-feira, noite de lua cheia, eclipse, mistério. Ano 2000. Não muito longe, a metrópole fervilha. Outros paulistanos divertem-se em bares e dance-terias. Concentrados em seu ritual, os índios também parecem divertir-se. Em transe, acompanham o ritmo bem marcado com pés, mãos, o corpo, todos os sentidos.

A cacique Jandira canta de olhos fechados. A seu lado, o pajé José Fernandes, muito sério, vigia. Karay Tata Yndy, o maestro, rege músicos e coro só com o olhar, leves sinais e sorrisos.

A festa, que começou ao entardecer, atravessa a madrugada e recebe o dia. Perto da fogueira que aquece a água do chi-

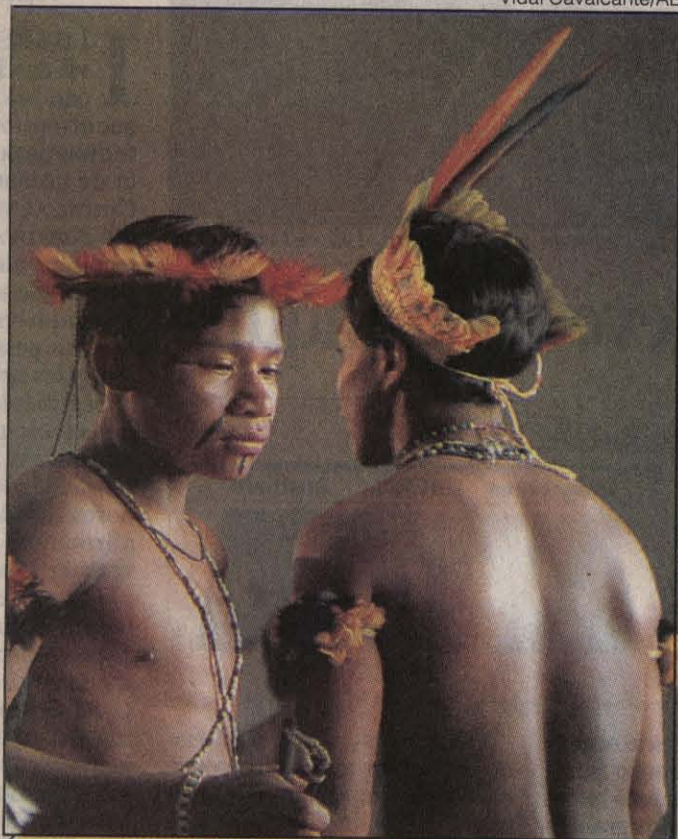
marrão – herança trazida do sul – crianças dormem em estrados improvisados com folhas de palmeira e cobertores. Mães ao lado, atentas, mas cantando. O cachimbo passa de mão em mão. Há brancos, amigos, que vieram receber nomes em guarani. Observam tudo, quietos, gratos pelo privilégio de vivenciar aquela experiência única. Alguns não resistem, cochilam.

“Alguém pode achar que a música deles é repetida, sempre

vivência, Kilza diz que os conhece pouco, declara-se uma aprendiz. “Leva tempo para entendê-los e eu não consegui ainda”, comenta. “Apesar do ar de simplicidade, tudo neles é muito complexo e sofisticado.”

“A gente acredita em Tupã, o Jesus Cristo de vocês”, explicou, num outro dia, Santa Fernandes, de 29 anos, filha do pajé José Fernandes, um dos mais importantes líderes espirituais dos guaranis. Ele não queria fa-

Vidal Cavalcante/AE



Índios da aldeia do Morro da Saudade: prontos para dançar

lar com estranhos. “São reservados, tímidos, muito discretos: essa é a natureza deles”, diz Kilza. O interesse dela pelos índios é antigo. “Quando criança, eu os via no litoral em situação melancólica, pedindo dinheiro ou vendendo artesanato.”

O que mais estranhava, porém, era o fato de os livros de história se referirem aos índios no passado. “A gente aprendeu que eles andavam nus, que caçavam e pescavam, assim, como se fossem uma coisa extinta.” Para ela, os guaranis só sobreviveram a 500 anos de interferência graças à “extraordi-

nária tenacidade e absoluta solidez de sua cultura”.

“Só isso poderia mantê-los coesos e serenos como nos dias de hoje: fisicamente tão próximos de nós, mas espiritualmente tão distantes da sociedade dita civilizada.” (Rosa Bastos)